

Benefícios das dúvidas

Professores de Alagoas estagiam em SP: a lição

Educação

Alexandre Calais
de São Paulo

A cada placa "Aeroporto" no caminho entre Guarulhos e São Paulo, Isis Crislane Corrêia Gomes entra em pânico. Lembra-se do choro convulsivo que teve dentro do avião que a trouxe de Maceió para São Paulo. E lembra também que terá de fazer o caminho de volta, com o mesmo sofrimento. Descobriu que morre de medo de voar. Mas não se arrepende de estar em São

Paulo. Quando voltar para sua cidade. Branquinha, interior de Alagoas, vai estar mais preparada para enfrentar sua turma de 27 alunos de diversas idades.

São Paulo é um mundo diferente e estranho para a maior parte dos 63 educadores que vieram de Branquinha, Novo Lino, Murici e Flexeiras para fazer na Universidade de Guarulhos o treinamento para encarar o de-

safio do projeto Alfabetização Solidária. Não para Isis, que já havia morado aqui em 1995 — "meu marido veio trabalhar e vim com ele, mas não consegui me acostumar e voltamos". Um ou outro da turma também já conhecia a cidade. Mas uns cinquenta, pelo menos, mal haviam saído dos limites de seus municípios.

**VIDA
BRASILEIRA**

(Cont. pág A-4)

Benefícios das dúvidas

Alexandre Calais
de São Paulo

(Continuação da página A-1)

Maria Lissandra Nunes de Oliveira elogia quase tudo o que vê. Gos- tou do Masp, do Museu do Ipiranga, do Zoológico. Porém, não é a cidade que escolheria para viver: "É muita gente em todo lugar que se vai." Mora na fazenda Porto da Folha, a seis quilômetros da sede de Novo Lino, e conhece todos seus 150 vizinhos. Aqui, se vivesse num apartamento, provavelmente não conheceria o morador da frente. Sabe a história de todos os seus 50 futuros alunos. "O José Carlos tem 13 anos e não frequenta escola porque tem de tomar conta dos irmãos enquanto a mãe trabalha na roça." Lissandra acha que os problemas da educação em Novo Lino são muito maiores que os de São Paulo. E são, realmente.

Mas a capital paulista está longe de ser também um modelo. Com analfabetismo de 48%. Novo Lino terá que andar muito para chegar aos índices paulistanos. Mas São Paulo, com 7% de adultos analfabetos, também não pode lerdar se quiser comparar-se com Estocolmo ou Genebra, onde o analfabetismo simplesmente inexistente. A vantagem dos novolinenses é que, em números absolutos, são 6 mil analfabetos. Na capital paulista, são 700 mil.

Maria Lissandra fica impressionada com o tamanho de uma sala de aula da Universidade de Guarulhos. São pelo menos cem carteiras, um quadro-negro enorme. "A sala onde dou aula é menos da metade disso. Tem dois quadros, mas juntando dá a metade desse grande aí." A comparação pode ser correta, mas não o parâmetro. A universidade é privada e cobra mensalidade média de R\$ 400,00. Talvez Lissandra devesse conhecer uma escola pública da periferia antes de se impressionar. Lá, as salas de aula não são tão grandes, nem o quadro-negro. Os laboratórios que conheceu na UnG não existem nessas escolas. Nem computadores, nem tevês com videocassete. Às vezes, nem professores.

Maria Lissandra é professora do município e dá aula ao mesmo tempo, na mesma sala, para a primeira, segunda e terceira séries. "Não é difícil. Enquanto uma turma faz a tarefa, outra copia o que está no quadro e eu corrijo a lição da outra." São poucos alunos por turma, três ou quatro, e ela diz não se justificar um professor para cada classe. Não daria para fazer isso em São Paulo. A briga aqui é por vagas. Todo ano é a mesma cena: pais durante dias em filas de algumas escolas públicas para matricular os filhos. Nem todos

conseguem, e têm de se conformar com escolas muito mais distantes ou com ensino inferior.

Isis Crislane não é professora ainda. Não terminou o 2º grau. Mas tem vontade e não teme ensinar. "Estou tentando entrar no programa desde o ano passado." E, pelo menos, passa pelo treinamento na UnG, que, embora curto (20 dias), lhe dá nova perspectiva do ensino. A maior parte dos "professores leigos" — que não têm a formação mínima exigida para lecionar — não tem acesso a nenhum tipo de reciclagem. E não são poucos, os leigos: segundo pesquisa do próprio Ministério da Educação, chegam a 225 mil dos 1,07 milhão de professores do ensino fundamental do País.

Isis assusta-se com o frio de São Paulo. "Para dormir, são quatro meias nos pés!" Em Branquinha, há apenas duas estações: inverno e verão. As duas extremamente quentes. A diferença é que, no inverno, costuma chover. Quando não chove e a seca atinge as plantações, é o período de maior abandono das escolas. Em busca de trabalho, os pais carregam os filhos para qualquer lugar onde haja esperança. Não é para menos que a região Nordeste apresenta os maiores índices de abandono do Brasil: 20,6%, de acordo com o MEC. A região Norte vem logo atrás, com 19%, seguida do Centro-Oeste (14,1%), Sul (7,2%) e Sudeste (6,9%). As taxas de reprovação são também as maiores do País nas regiões Norte e Nordeste: 18,7% e



Maria Lissandra Nunes de Oliveira

17,1%, respectivamente, seguidas por Sul (14,9%), Centro-Oeste (14,8%) e Sudeste (10,2%).

Maria Lissandra julga ser São Paulo um bom lugar para ganhar dinheiro. "Tem tanta fábrica, indústria, deve ter muito emprego também." Não conhece os índices de desemprego da cidade, cerca de 8% da população economicamente ativa, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Seu parâmetro de ganhar dinheiro é a fazenda Porto da Folha, onde os cortadores de cana têm de suar o dia todo para conseguir R\$ 26,00 por se-

mana. Quando há o corte.

Ela mesma ganha R\$ 200,00 por mês como professora do estado, e vai receber agora mais R\$ 120,00 do Alfabetização Solidária, pagos pelo Laboratório Biosintética, que "adotou" Novo Lino. No interior de Alagoas, um salário de R\$ 320,00 pode até ser considerado razoável. Em São Paulo... Qualquer aluguel de barraco em favela já consome esse dinheiro. O custo de vida na capital paulista é um dos mais caros do mundo. Mesmo assim, um professor do ensino básico da rede pública estadual de São Paulo recebe um ordenado de R\$ 650,00, segundo a Secretaria de Educação.

Cinema, todos conhecem, mas o teatro aparece nessa viagem pela primeira vez na vida de boa parte do grupo. Na de Isis Crislane, por exemplo. No Teatro Brasileiro de Comédia, o monólogo *Einstein*: "Foi interessante porque mostrou para a gente a importância de ter curiosidade, de perguntar sempre que tem alguma dúvida." Lição que ela vai tentar passar para seus alunos, assim que começarem as aulas. Antes, no entanto, na volta para casa, terá de vencer mais uma vez seu recém-adquirido medo de avião.

VIDA BRASILEIRA

Ensino fundamental

Taxas de abandono e reprovação escolar no País (1996)

Região	Taxa %	
	Abandono	Reprovação
Nordeste	20,6	17,1
Norte	19,0	18,7
Centro-Oeste	14,1	14,8
Sul	7,2	14,9
Sudeste	6,9	10,2

Fonte: MEC/Inep/SEEC